

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Maurício Moraes Gayer

**MEMÓRIAS DE UM TIME DE FUTSAL DE SURDOS: o esporte como prática de
afirmação identitária**

Porto Alegre

2018

Maurício Moraes Gayer

**MEMÓRIAS DE UM TIME DE FUTSAL DE SURDOS: o esporte como prática de
afirmação identitária**

Trabalho de conclusão apresentado à comissão de graduação do curso de Educação Física – Licenciatura, da Escola superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª: Janice ZarpellonMazo

Porto Alegre

2018

Maurício Moraes Gayer

**Memórias de um time de futsal de surdos
O esporte como parte da identidade**

Conceito final:

Aprovado emde.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra.

Orientador: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo- UFRGS

DEDICATÓRIA

Para Lorena, a base de toda minha vida, além de mãe, minha cúmplice em tudo que a vida pode me oferecer até então, quem sempre esteve comigo ao longo de toda minha trajetória acadêmica e de vida, buscando sempre manter-me calmo e lúcido até mesmo nos dias mais turbulentos. Sempre amável, carinhosa, encorajadora, confiante e certa de meus sucessos. Meu bem maior, a personificação de sacrifício, empenho, trabalho duro e paixão. Um exímio exemplo de ser humano e meu melhor exemplo de vida, sem ela eu nem mesmo me veria frequentando o ensino superior e devido ao seu esforço pude estar aqui hoje. A Dorleno, meu amado pai, o órgão pulsante que mantém viva a minha esperança de ter sucesso como homem, mesmo nos momentos distante estava em meus pensamentos, meu exemplo de inteligência, esforço e dedicação àquilo que ama.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, gostaria de agradecer...

...Ao inesgotável apoio sincero e encorajador de Karen Bastos Moraes, que sempre ouviu e afagou meus lamentos, vibrou e aplaudiu minhas glórias, compreendeu as dificuldades e barreiras de enfrentar o ensino superior e nunca deixou de estar ao meu lado, tornando-se a luz no fim do túnel.

... Aos meus irmãos e irmãs que são o meu espelho, pois minhas medidas são reflexos daquilo que eles puderam me ensinar ao longo da vida, ao lado deles pude compreender e absorver alguns dos diversos sentidos da vida. Pude evoluir e me transformar enquanto ser humano, graças aos seus cuidados comigo.

...A incrível parceria de minha orientadora, Janice Zarpellon Mazo, estando sempre presente para sanar minhas dúvidas, sendo indispensável para a conclusão deste projeto, entendendo que os “altos e baixos” durante este projeto levaram-me há um ponto de melhor compreensão da vida.

... Aos meus sobrinhos que sempre me veem como um exemplo, aumentando a minha responsabilidade em dar-lhes o meu melhor e sempre mostrar resiliência, fé e dedicação àquilo que acreditamos.

... Aos meus amigos e colegas de profissão que participaram tanto ativamente quanto passivamente nesta jornada em busca de conhecimento e aperfeiçoamento pessoal e profissional, sendo os meus grandes aliados nesta empreitada, principalmente a minha amiga Thaiely C. Silva, Natalia Teixeira, Vanessa Polessa, Tiago de Matos Braga, Rafael Goulart, Bruno Alves e Rogerson Bastos que me ajudaram nos caminhos para elaboração não somente deste trabalho, como também de muitos outros, tornando-se pessoas muito especiais para mim.

... Aos meus amigos de estimação, Charlie, Kira, Sofia, Princess, Odin e Suzy (in memoriam), meus mais adoráveis amigos, meus companheiros das noites sem dormir, das bebedeiras de cafés enquanto me debruçava sobre os livros e trabalhos.

... À comunidade surda, sobre tudo ao grupo Conde Surdo, essencial para o andamento deste projeto. Toda pessoa tem o direito de ser vista como igual dentro de suas diferenças.

RESUMO

O presente estudo busca registrar as memórias de um grupo de homens surdos praticantes de futsal amador, além de evidenciar o papel do esporte como parte integrante da cultura surda. No Brasil há mais de 9,7 milhões de pessoas que possuem algum grau de deficiência auditiva, sendo que cerca de 2,2 milhões têm deficiência auditiva em situação severa; e, entre estes, 344,2 mil são surdos. A surdez ou deficiência auditiva não impede a participação da pessoa nas práticas corporais e esportivas. No campo dos esportes há uma infinidade de possibilidades a serem trabalhadas com a pessoa surda e o esporte tem sido elementar para a construção da identidade da cultura surda. A prática do futsal além de promover benefícios fisiológicos, ainda oportuniza uma gama de interações sociais. Identificou-se que a pessoa surda, à sua maneira, apropria-se do esporte desde muito cedo, além de estar inserido diretamente na história cultural surda e nas pautas de busca por reconhecimento social, o mesmo possui um caráter confraternizador.

PALAVRAS-CHAVE: Surdos. Deficiência auditiva. Esportes para surdos. Futsal.

ABSTRACT

The present study seeks to record the memories of a group of deaf men practicing amateur futsal, in addition to highlighting the role of sport as an integral part of the deaf culture. In Brazil, there are more than 9.7 million people who have some degree of hearing impairment, and about 2.2 million have severe hearing impairment; and among these, 344.2 thousand are deaf. Deafness or hearing impairment does not prevent the person's participation in corporal and sports practices. In the field of sports there are a multitude of possibilities to be worked with the deaf person and the sport has been elementary for the construction of the identity of the deaf culture. The practice of futsal besides promoting physiological benefits, still offers a range of social interactions. It was identified that the deaf person, in his own way, appropriated the sport from a very early age, besides being inserted directly in the deaf cultural history and in the patterns of search for social recognition, the same one has a charismatic character.

KEY-WORDS: Deaf.Hearing deficiency.Sports for the deaf.Futsal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.2 OBJETIVO GERAL	13
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2. A PESSOA SURDA E A PRÁTICA ESPORTIVA	14
3. METODOLOGIA	21
3.1 TIPO DE ESTUDO	21
3.2 SUJEITO DO ESTUDO	21
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA	22
3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	23
3.5 TRATAMENTO DE DADOS	23
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	24
4.1 MEMÓRIAS SURDAS	24
4.2 A PRÁTICA ESPORTIVA SURDA	25
4.3 IDENTIFICAÇÕES COM A SURDEZ	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICES	33
APÊNDICE 1 – PERGUNTAS DE ENTREVISTAS	33
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	34
APÊNDICE 3 – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	37
ANEXOS	42
ANEXO 1 . LOCAL DE ENCONTRO PARA PRÁTICA ESPORTIVA.	42
ANEXO 1.1. LOCAL DE ENCONTRO PARA PRÁTICA ESPORTIVA	42

ANEXO 2. CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE SURDOS.	43
ANEXO 2.1. CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE SURDOS.	43
ANEXO 3. DEBATE ACERCA DO PLACAR.	44
ANEXO 3.1. REINICIO DE PARTIDA APÓS GOL.	44
ANEXO 3.2. DISCUSSÃO SOBRE FALTA COMETIDA.	45
ANEXO 3.3. INFORMAÇÕES SOBRE SURDOS A CAMINHO.	45
ANEXO 3.4. DEBATE SOBRE ESTRATÉGIAS DE JOGO.	46
ANEXO 3.5. JOGO ENTRE SURDOS.	46
ANEXO 3.6. REGISTRO DE GOL SOFRIDO.	47
ANEXO 3.7. COBRANÇA DE TIRO DE META.	47
ANEXO 3.8. ATUALIZAÇÃO DOS DEMAIS SURDOS À CAMINHO.	48
ANEXO 3.9. REGISTRO DE ATUALIZAÇÃO DO PLACAR.	48
ANEXO 3.10. DISCUSSÃO SOBRE O JOGO.	49
ANEXO 3.11. REGISTRO DE SUBSTITUIÇÃO.	49
ANEXO 3.12. REGISTRO DE JOGO ENTRE SURDOS.	50
ANEXO 3.13. CONVERSA ENTRE SURDOS DURANTE A PARTIDA.	50
ANEXO 3.14. REGISTRO DE GOL SOFRIDO.	51
ANEXO 3.15. REGISTRO DE JOGO ENTRE SURDOS.	51
ANEXO 3.16. DISCUSSÃO SOBRE FALTA COMETIDA.	52
ANEXO 3.17. REINICIO DE PARTIDA APÓS GOL MARCADO.	52
ANEXO 3.18. DISCUSSÃO SOBRE ESTRATÉGIAS DE JOGO.	53
ANEXO 3.19. REGISTRO DE PARTIDA.	53
ANEXO 4. CONVITE ELETRÔNICO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA. .	54

1. INTRODUÇÃO

Conforme dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010, 45.606.048 brasileiros, ou seja, 23,9% da população total têm algum tipo de deficiência – visual, auditiva, motora e mental ou intelectual, sendo que deste número 5,1% são referentes à deficiência auditiva diretamente e 1,12% com deficiência auditiva severa. Ou seja, cerca de 9,7 milhões de pessoas no Brasil possuem algum grau de deficiência auditiva, sendo que cerca de 2,2 milhões têm deficiência auditiva em situação severa; e entre estes, 344,2 mil são surdos. Mais de 5% da população mundial - 360 milhões de pessoas - tem perda de audição incapacitante (328 milhões de adultos e 32 milhões de crianças). A perda auditiva incapacitante refere-se à perda auditiva superior a 40 decibéis (dB) na melhor orelha auditiva em adultos e perda auditiva maior que 30 dB na audição melhor em crianças. A maioria das pessoas com deficiência auditiva incapacitante vive em países de baixa e média renda.

Com sua identificação inicial como um ser deficiente, o surdo passa a ser visto como alguém que deve ser tratado ou curado. Alguém cuja falta do sentido da audição deva ser reparada, para assim tornar-se um ser completo. Visto como débil pela ciência, o surdo passa a ser inferiorizado, pois a falta de audição desde o nascimento (principalmente) torna difícil e até mesmo inviável a oralização deste indivíduo, afetando sua interação com o mundo e sua capacidade de compreender e ser compreendido. Tais interações refletem diretamente na saúde, educação e convívio social do surdo. Em um estudo que buscou realçar as principais dificuldades da comunidade surda ao acesso à saúde, evidenciou que grande parte dos profissionais da saúde não compreende a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), dificultando o atendimento da pessoa surda, principalmente quando não está acompanhada por um intérprete, a falta de conhecimento de LIBRAS por parte do profissional acaba desencorajando o surdo a frequentar consultas, pois o mesmo não é compreendido (SOUZA, 2017).

A fala é o meio mais convencional de interação entre pessoas, porém a fala é o que diferencia o surdo do ouvinte, é através de uma série de gestualizações e de uma complexa expressão corporal captada pelos olhos, principalmente, que os

surdos se comunicam e se afirmam linguisticamente; sua língua, a Língua de Sinais, é sinalizada e se configura de modo diferente das línguas orais. A partir deste despreendimento da ótica biológica e da medicina surge um novo prisma acerca do indivíduo surdo, pois nesse período, incorporam-se ao campo da surdez novos conhecimentos e conceitos provenientes de outras disciplinas, fundamentalmente da linguística, da psicolinguística e da sociolinguística. Já com o fracasso do oralismo e uma série de acontecimentos ocorridos principalmente na década de 60, iniciaram uma mudança de percepção da surdez, o sentimento da identidade surda surge do fracasso na oralização dos indivíduos que nascem com esta condição, o surdo não se vê como um deficiente por apenas não ser oralizado, as barreiras da comunicação são quebradas quando o surdo domina a LIBRAS, contudo os povos surdos ainda enfrentam barreiras em comunicar-se com pessoas não fluentes em LIBRAS.

Ao início do Século XXI o surdo passa a ter respaldo jurídico acerca de sua condição, inicialmente com o reconhecimento da LIBRAS como forma legal de comunicação em 2002. E em 2005 com a implementação obrigatória da matéria de LIBRAS dentro da grade curricular para os cursos de Licenciatura e eletivos para os demais cursos. Assim a comunidade surda passa a ter seu direito assegurado, tanto para os fins de inclusão como para o entendimento deste sujeito, no sentido que, este alguém precisa incluir-se na sociedade, tanto para estudar, trabalhar quanto para socializar, enfim viver de forma ativa na sociedade.

No âmbito da Educação Física e dos esportes, locais marcados principalmente pela socialização, pelo contato direto, pelo companheirismo, ficam mais evidentes algumas questões acerca das manifestações do indivíduo, o esporte tem papel fundamental na construção do caráter, na ética, na moral, no sentimento de pertencimento a um ou demais grupos. Futsal em especial é um grande fomentador de tais questões, principalmente por tratar-se de um esporte coletivo com papéis específicos, onde o individual e o coletivo atuam de forma a objetivar um sucesso posterior. Ainda neste sentido, visto que nem sempre é possível visualizar diretamente seu companheiro e que a comunicação oral não é efetiva, o futsal torna-se interessante para a análise das interações entre praticantes surdos.

Diante destas considerações, o presente estudo visa ressaltar as interações que o esporte faz na vida social do surdo, evidenciando o papel do esporte (dentro

do sentido de comunidade surda) como ferramenta social, registrando as memórias de um grupo de homens surdos praticantes de futsal amador.

A elaboração deste estudo justifica-se pela importância do conhecimento acerca do esporte e suas funções, além das relações que o esporte tem com a comunidade surda, para assim ter-se um maior conhecimento sobre este indivíduo e como a área da Educação Física pode interagir com o mesmo. Vale salientar a escassez de produções científicas, em português, que abordem o esporte e deficiência auditiva e suas relações. Contudo o conhecimento sobre o ser surdo vem ampliando-se cada vez mais, sendo a LIBRAS tema da redação do ENEM do ano de 2017 e o aumento de reportagens de divulgação acerca destes indivíduos. Visto que o aprofundamento no conhecimento acerca desta comunidade geram mais questionamentos, mais reflexões e novas respostas.

Outra justificativa, é que, sempre busquei trilhar caminhos diferentes, tentando explorar o novo e ao me dar conta da minha proximidade com este grupo, pois possuo um surdo na família, pude perceber a minha total falta de conhecimento acerca do significado de ser surdo e ao sentimento de pertencimento a esta comunidade, não somente no que tange aceitar suas características como também erguer a bandeira do ser diferente. Aliado ao futsal, esporte que sempre tive estreita relação durante toda minha vida acadêmica, tentando visualizar as relações que o esporte faz no relacionamento entre os surdos. Portanto, resolvi realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso com objetivo de evidenciar tais relações através de entrevistas com surdos praticantes de futsal aliando a produção científica atual.

Este trabalho foi estruturado através de um capítulo de revisão da literatura, o qual foi realizado com o intuito de explicitar informações avaliadas e extremamente relevantes para a compreensão do surdo e de suas particularidades, além de tratar brevemente da metodologia de comunicação destes indivíduos, assim como os respaldos legais que asseguram seus direitos como cidadãos e a compreensão destes indivíduos através do esporte. Após foi apresentada a metodologia, constituída pela coleta das entrevistas do grupo praticante de futsal e informações em periódicos, revistas e anais de congresso, que tratam da relação do surdo com o esporte.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante do apresentado, emergem os seguintes questionamentos:

- a) Como ocorreu a inserção dos surdos na prática do futsal?
- b) De que forma o futsal é praticado pelos jogadores surdos?
- c) Qual a importância do futsal à construção da identidade surda?

1.2 OBJETIVO GERAL

O presente estudo busca registrar as memórias de um grupo de homens surdos praticantes de futsal amador, além de evidenciar o papel do esporte como parte integrante da cultura surda.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Verificar de que forma o futsal surge na vida da pessoa surda;
- b) Identificar o sentimento de pertencimento à comunidade surda;

2. A PESSOA SURDA E A PRÁTICA ESPORTIVA

De acordo com Bisol e Valentini (2011), a perda auditiva é uma desordem do equilíbrio da audição, podendo ser dita como a diferença que existe entre o desempenho do indivíduo e a habilidade natural de detecção sonora, tendo como referência, os padrões pré-definidos pela literatura médica. De acordo com Craft & Lieberman (2004). A Surdez pode ser classificada de três maneiras: Grau (intensidade); Tipo (local da lesão); Época da instalação. Outra definição que pode ser analisada é a de que, de acordo com Fin, Carmona & Mazo (2015), “A surdez caracteriza-se por uma diminuição da acuidade auditiva que faz com que a audição pura e simples seja suficiente para compreensão, com ou sem uso de ajuda auditiva (aparelho de surdez e/ou implante coclear, por exemplo)”.

Ainda no prisma médico, sabe-se que, com a instituição da ciência moderna e dentro do paradigma biomédico como discurso hegemônico sobre a surdez e o surdo no domínio da saúde, estão sendo pautados particularmente nas esferas técnico-científica e profissional (Nóbrega et al, 2012), o surdo passou a ser sujeito de pesquisas e estudos no âmbito da saúde, porém, visto como um indivíduo débil, incapaz e dependente, que por sua vez não pode, nem deve ter sua autonomia e rotina próprias. Contudo, a partir da década de 60, há a construção de uma reflexão contra-hegemônica a esse paradigma dominante, que estão basicamente pautados nos chamados estudos culturais, que trouxeram/possibilitaram uma ampla discussão sobre o processo de construção cultural das identidades (Nóbrega et al, 2012). Partindo destes estudos o mundo “abre os olhos” para aqueles indivíduos que, anteriormente, estavam escondidos e viviam a margem da sociedade por sua condição física.

A história social da surdez mostra o quanto os surdos vêm sendo alvo de controle dos médicos, principalmente por desafiar os limites normativos do normal e do patológico. Esta concepção, ancorada na perspectiva do déficit, afirma que a surdez é uma deficiência auditiva, conferindo à tecnologia um método para adaptá-lo e normatizá-lo à sociedade ouvinte. Em contrapartida, o surdo percebe a surdez como identidade, lutando por reconhecimento, e não por adaptação. (FIN, CARMONA & MAZO, 2015, p. 2)

Apesar destas classificações hegemônicas, Silva & Silva (2016, p. 34) afirmam, que o povo surdo “trata-se de um público com características linguísticas e culturais específicas”. Pois, coexistem diferentes concepções sobre surdez, envolvendo as mais diversas dimensões, podendo ser estas fisiológicas, simbólicas ou ainda culturais, apresentando-se na sociedade em geral, entre os profissionais de saúde e entre os próprios surdos (Nóbrega et al, 2012, p. 677). Neste sentido pode-se ter o povo surdo como um grupo com características ímpares, principalmente no que se refere à comunicação, mas ainda assim um grupo cuja legitimidade é assegurada pela própria língua, tornando a LIBRAS, seu maior patrimônio cultural. Assim desta forma, sendo o uso da LIBRAS um referenciador da identidade dos surdos, para a população como um todo.

Os surdos convivem em uma sociedade onde a maioria é ouvinte, que utiliza como língua o Português, uma língua de modalidade oral-auditiva e, por isso precisam desenvolver estratégias para sobreviver em seu meio. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), língua nativa dos surdos brasileiros. (FRANCO, PALUDO & LEBEDEFF, 2015, p. 366).

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de sinais utilizada pela maioria dos surdos e reconhecida por lei. Não é uma simples forma de gestualização da Língua Portuguesa, mas uma língua a parte, visto que somente o conhecimento gestual não é suficiente para que a comunicação aconteça em sua plenitude. É denominada língua de modalidade gestual-visual (ou espaço visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos, e produzidas pelas mãos e rosto. (FIN, CARMONA & MAZO, 2015, p. 2)

Souza *et al.* (2016, p. 402) sustentam que: “A LIBRAS não possui flexão, gênero e escrita alfabética e ainda, que há estruturação tópico-comentário, enquanto a língua portuguesa possui sintaxe linear e escrita alfabética”. Desta forma, o povo surdo cria sua própria manifestação de identidade, pois se diferencia do povo ouvinte, tendo como sua maior característica o uso da LIBRAS, como já mencionado e reiterado a partir destes fatores ortográficos. A Língua de Sinais é calcada na dimensão espacial, através dos gestos das mãos, com estruturas semântica, sintática e gramatical completas, apesar de ser diferente das línguas faladas (SACKS, 2010).

Silva & Silva, (2016, p. 34) ressaltam que: “As características dessa língua, especialmente no tocante à ausência de sonoridade, constituem de forma singular os processos de significação dos indivíduos que a utilizam.” Apesar da luta por

direitos ter início antes do século XXI, este marco é recente, pois foi através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5626/2005 instituiu-se a LIBRAS como disciplina curricular obrigatória para cursos de formação de professores e optativa para os demais cursos de educação superior. Assim, definindo quem são as pessoas surdas, para fins de aplicação da Lei. Através disto: “considera-se pessoa surda àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (Decreto n. 5626, 2005).

Aliada a sua própria cultura e à língua de sinais, essa identidade, constitui uma unidade de definição da surdez, na qual o personagem “surdo” passa a ser a designação para um termo mais associado a sua identidade do que de fato à sua realidade biológica. (NOBREGA et al, 2012). No livro “As imagens do outro sobre a cultura surda”, Strobel cita:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (2008, p. 22).

Ainda neste sentido, Perlin e Strobel ainda corroboram com as construções sobre a cultura surda, ao afirmar que:

Assim como ocorre com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização (2014, p. 24).

Podemos analisar, portanto, que o surdo é frequentemente descrito como alguém inferior, uma pessoa dependente de auxílio, que necessita de alguém na condição de tradutor daquilo que o mesmo tenta expressar, alguém que de fato não conseguisse viver em sociedade por seus próprios recursos. Segundo Nobrega et al:

“Coexistem diferentes concepções sobre surdez envolvendo dimensões fisiológicas, simbólicas e culturais na sociedade em geral, entre os profissionais de saúde e entre os surdos, em especial aqueles participantes da comunidade surda e mais vinculados aos movimentos surdos (2012, p. 677)”.

Ao passo que o tempo avança entre décadas e séculos, muitas vidas de cidadãos são marcadas, muitas histórias desta sociedade são contadas, ideias e pensamentos evoluem/progridem, teorias são criadas para grandes avanços em inúmeras áreas do conhecimento e, com isto, o homem, como ser pensante, como descobridor do mundo e de si mesmo também evolui e ainda, por vezes, apenas tenta a evolução.

Uma das ferramentas que identifica o homem como ser evoluído e que busca essa evolução a cada momento mais, é sua complexa capacidade de comunicação e linguagem. Essa capacidade que por muitas vezes é marcada pela oralização, ao longo da história do desenvolvimento humano nos mostra que também sofreu grande evolução, sendo marcada por grandes mudanças datadas pela história, onde o homem passou de simples “urros”, evoluindo para pequenas palavras, que ao final se desenvolveram com tamanha sofisticação, que hoje nos deparamos com complexos diálogos, onde a partir destes diálogos elevamos as mais diversas teorias, reflexões e princípios. É a partir do diálogo entre os seres humanos que, transmitimos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, assim como os pequenos e os grandes aprendizados que surgiram ao longo do tempo. E é aí que, de acordo com Silva, Silva (2016) Língua de Sinais, a língua dos surdos, torna-se fundamental para o seu desenvolvimento em todas as esferas (sociolinguística, educacional, cultural, entre outras).

A partir deste diálogo, também nos vemos hoje dando e recebendo informações, criando múltiplos conceitos a respeito de nós mesmos, do universo e de nosso grupo (sociedade).

No que se refere ao povo surdo, a oralização não é um meio eficiente de comunicação, muito menos de propagação de ideias. Contudo, o fracasso do oralismo e uma série de acontecimentos ocorridos na década de 60 iniciaram uma mudança de percepção da surdez, alcançando a humanidade o conhecimento a respeito da condição dos surdos, de seus porquês e ainda de sua total capacidade cidadã.

Neste período, incorporam-se ao campo da surdez novos conhecimentos provenientes de outras áreas, fundamentalmente da linguística, da psicolinguística e da sociolinguística que, de acordo com Sánchez (1990), romperam com o predomínio da concepção médica. Com estas descobertas, o conhecimento torna

mais fácil a propagação da verdadeira realidade dos surdos, e ainda da imensidão de possibilidades de enxergarmos essa surdez.

É através da atividade e no espaço de brincar que a criança recria as normas sociais e experimenta os símbolos culturais, mas é também através da brincadeira e no convívio com o outro que, ela significa os sentidos destes símbolos e formula sua própria identidade. (MARTINS; ALBRES & SOUZA, 2015). No que tange o esporte na cultura surda, Franco, Paludo e Lebedeff (2015), destacam que, o mesmo torna-se um artefato cultural de extrema importância para a comunidade surda. A organização dos surdos em atividades esportivas tem registros, que datam do século XIX (Sarmiento, 2013, p. 340) Como o primeiro clube de futebol surdo do mundo, o Glasgow DF no Reino Unido, a associação *Sports Club for theDeaf* de 1888, em Berlim e o primeiro clube desportivo para surdos na França, o Club Cyclistedessourds-muets de 1899. Posteriormente, no início do século XX, várias outras associações desportivas foram criadas ao redor do mundo. (FRANCO; PALUDO & LEBEDEFF, 2015, p. 366).

Já no Brasil, de acordo com Monteiro (2006, *apud.* Franco, Paludo & Lebedeff, 2015) as associações desportivas tiveram sua origem no Grêmio Esportivo fundado em 1930, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Ainda para Franco, Paludo & Lebedeff (2015), este Grêmio foi responsável por criar ou adaptar regras de esportes e desportos além de organizar competições internas, em que, na sua maioria, fazia com que senão todos os alunos, a maioria demonstrasse bastante interesse em participar. Estes eventos eram de importante valor nos quesitos confraternização e interação entre surdos que assim, promoviam a integração social daqueles indivíduos.

Complementarmente, Franco, Paludo & Lebedeff (2015) mesmo após concluírem seus estudos no INES e retornarem ao seio de sua terra de origem, muitos surdos criaram um sentimento de saudade dos eventos esportivos e sociais promovidos pelo Grêmio e sentiam o desejo de retomar e aumentar o leque de possibilidades de convivência entre surdos, então assim, fundaram-se diversas associações de surdos no Brasil afora. [...] Os jogos esportivos ganharam tamanha importância na vida dos surdos que se criou a necessidade de unir as associações de maneira a promover melhor estes eventos, visto que muitas vezes estas atividades atravessam fronteiras de municípios e estados. Diante dessas peculiares situações, percebeu-se então, a necessidade de ordenar as associações para

eventos esportivos em instâncias estaduais, fundando-se, assim, as federações esportivas.

Neste sentido, nota-se que o esporte caminha em conjunto com os avanços sociais do povo surdo, tanto para assegurar seus direitos como cidadãos participantes de uma sociedade comum, quanto para firmar-se como uma comunidade com sua própria identidade e características, que especifica suas realidades e possibilidades. Ainda nesta perspectiva, o futsal torna-se uma modalidade acessível e com alta aceitabilidade dessas pessoas, sendo este visto como uma forma de socializar e construir uma identidade na comunidade, integrando e reconhecendo a todos.

O esporte não só desenvolve a aptidão física, como também produz maior interação com demais indivíduos, proporcionando também uma maior convicção a respeito de seu potencial como indivíduo, conhecendo melhor a si.

O esporte surdo também é abraçado pelas lutas de reconhecimento social, visto que, os surdos foram o primeiro grupo com alguma deficiência a promover uma competição esportiva adaptada. Esta primeira competição foi inovadora e um passo dado na direção do avanço, sendo esta: os “Primeiros jogos olímpicos para surdos” (podendo atualmente ser chamados também de surdolimpíadas), que foi realizado na França no ano de 1924, e seguem desde então, sendo realizados a cada quatro anos, no mesmo modelo de calendário dos Jogos Olímpicos Internacionais, porém, sem quaisquer vínculo com estes. CBDS (2013)

A surdolimpíadas é dividida em duas edições, sendo uma edição de verão e outra de inverno. A última edição de verão dos jogos Olímpicos para surdos foi realizada em 2017, em Samsun, na atual Turquia. Enquanto a última edição de inverno ocorreu em 2015 em Khanty-Mansiysk, na atual Rússia, sendo que Turim, na atual Itália será a cidade sede da próxima Surdolimpíadas de inverno.

Esta separação entre Surdolimpíadas e Paraolimpíadas demonstra a luta da comunidade surda pela busca de ser visto como diferente, mas não um ser deficiente. A primeira Olimpíada dos Surdos no Brasil ocorreu em maio de 2002, na cidade de Passo Fundo, no Estado do Rio Grande do Sul, evento realizado pela Confederação Brasileira de Desporto de Surdos. “A edição contou com a participação de vinte e nove delegações vindas de nove estados e com mil e quinhentos atletas participantes”. (Franco, Paludo & Lebedeff, 2015). Foram

disputados esportes individuais e coletivos nas categorias feminina e masculina. O esporte surdo:

[...] surge como componente chave, que motiva o desejo dos surdos em manterem os seus próprios eventos desportivos, sejam elesolímpicos, internacionais, nacionais ou regionais onde as suas necessidades e aspirações possam ser preenchidas. (SARMENTO, 2013, p. 345)

Neste locus, o esporte acaba sendo de notável valor para a comunidade surda, no que se refere à identidade surda, e também para a população geral, incluindo os ouvintes, afinal, é necessário que se possa refletir que os surdos podem e em sua maioria conseguem ter autonomia de viver uma vida comum, como qualquer outro cidadão que seja ouvinte.

Pode-se considerar ainda, que o esporte pode surtir o efeito de um elo fundamental entre os surdos, incentivando-os a adquirir sua própria linguagem no contato com outros com sua condição, e ainda com ouvintes, pois a participação vai além do desenvolvimento físico, como já mencionado; as relações vão permitir a comunicação e uma gama de informações fundamentais para a consolidação de sua identidade como surdo, pois também os surdos podem conviver e trocar experiências com pessoas que partilham dos mesmos dramas, das mesmas dificuldades de viver em um mundo ouvinte, mas também das mesmas alegrias e vitórias de ser surdo no mundo atual. “Neste ambiente renovador, os surdos encontraram o caminho para reivindicar o uso da Língua de Sinais na educação, o que repercutiu na proposta da Comunicação Total como Filosofia Educacional”. (FRANCO, PALUDO & LEBEDEFF, 2015).

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com Negrine (2004) este tipo de descrição é pautado na descrição, na análise e interpretação dos dados coletados durante o processo de investigação, visando contextualiza-los com o assunto em questão. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1999).

3.2 SUJEITO DO ESTUDO

Foram coletadas informações de cinco surdos, sendo duas mulheres e dois homens, com idades entre 28 e 38 anos, praticantes de futsal na Igreja Batista Conde, com diferentes aspectos para ter a visão dos surdos com diferentes opiniões e interesses. Para a análise dos conteúdos que envolvem as relações entre o esporte surdo e o sentimento de comunidade, assim como as memórias deste time de futsal, as entrevistas foram realizadas na Primeira Igreja Batista de Porto Alegre, situada na rua Conde de Porto Alegre, 136 – São Geraldo, Porto Alegre (anexo 1 e 1.1). Local onde os integrantes do time de futsal se reuniam para a prática esportiva, com o auxílio de um usuário na condição de intérprete supracitado. Os sujeitos foram selecionados de maneira intencional e voluntária. Os critérios de inclusão foram: Ser surdo; ser praticante de futsal ou acompanhante do mesmo.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA

A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas, pois esta:

Se constitui em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro. (MOLINA e TRIVIÑOS, 2004 p. 73)

Com ênfase para análise dos significados produzidos pelos participantes acerca do entendimento do futsal como parte da identidade da comunidade surda. Desta maneira as reflexões produzidas pelos entrevistados compõem um material muito rico acerca deste tema. As entrevistas foram previamente estruturadas com um roteiro geral, com finalidade de orientar o entrevistador e a pesquisa, porém o investigador não ficou centrado apenas as questões das entrevistas, visto que cada entrevistado apresenta suas versões acerca do entendimento da cultura surda, do futsal e as relações entres eles, podendo assim acrescentar mais questionamentos aos entrevistados, quando julgava necessário. As entrevistas reunidas para a presente pesquisa formaram um texto no qual a palavra é contemplada como unidade categorial de análise (Silva& Silva, 2016). Para a compreensão das entrevistas foi necessária à utilização de uma pessoa na condição de usuária de Libras e tradutora/ intérprete de Língua de Sinais para mediar à interação entre entrevistador e entrevistados. Apesar de não ser intérprete por profissão o mesmo foi escolhido devido ser parte do grupo entrevistado, o que se justifica por ter maior confiança por parte dos mesmos.

Após a leitura dos estudos foram elaboradas seis perguntas abertas para nortear as entrevistas (apêndice1). Cada questionamento tem como intuito de iniciar a reflexão do entrevistado acerca do assunto e de acordo com as respostas o entrevistador poderia incluir mais perguntas no mesmo tema para obter uma maior compreensão daquilo que o entrevistado está transmitindo em suas narrativas. O roteiro de entrevista continha as seguintes perguntas:

- Gostaria que você me contasse sobre tua vida de forma geral. (onde cresceu, como ficou surdo, como foi a vida escolar, onde estudou, contato com ouvintes, trabalho, família)

- Qual foi o seu primeiro contato com o esporte? E como você sentiu com a primeira prática? Qual o sentido de praticar o esporte?
- Depois disso, quantas vezes semanais você joga e onde?
- Quais as dificuldades que você encontra para praticar futebol? Tu acha que existe diferença entre a forma que vocês jogam com a de ouvintes?
- Você se identifica melhor com o termo Surdo ou deficiente auditivo? E por quê? Qual o papel do esporte nesta identidade?
- Você gostaria de me falar algo que acha importante e que eu não tenha perguntado?

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O presente estudo segue os padrões de procedimentos éticos de acordo com a Resolução 466/12 do Comitê Ético em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cada entrevistado assinou um Termo Livre e Esclarecido (Apêndice 2). Foram criadas duas vias de cada documento, sendo uma ficando em posse do entrevistado e uma do entrevistador.

3.5 TRATAMENTO DE DADOS

Após a coleta de todos os dados, foi realizada uma análise qualitativa das respostas (apêndice 3). Após a análise, um panorama geral foi construído através das respostas dos questionários, evidenciando as memórias do time de futsal de surdos, assim como o papel do esporte como parte da identidade surda. Ao término das transcrições, as entrevistas foram entregues aos participantes para validação das respostas.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

É importante salientar que, apesar de cada indivíduo surdo ter suas perspectivas e opiniões específicas, todos contribuíram de maneira satisfatória para o estudo. Trazendo novos prismas ao que cerca a identidade surda, o esporte surdo e memórias do esporte, no sentido de buscar compreender melhor esta comunidade e o esporte.

4.1 MEMÓRIAS SURDAS

Buscando evidenciar as memórias surdas acerca do esporte, foram destacadas nas entrevistas as mais variadas formas de ingresso ao mesmo, mas muitos tendo o primeiro contato logo na infância, como destaca o E1: “Comecei a jogar futebol na escola, depois voltei a jogar com os colegas de trabalho (...) jogo porque gosto”. E ainda o E2: “Comecei a jogar muito novo, eu jogava em uma escolinha de futebol na posição de goleiro (...)”. O esporte quando tem sua inserção na infância tende a ter uma maior frequência de prática na fase adulta, como destaca o E2: “Eu estou jogando duas vezes por semana na posição de goleiro para times de amigos ouvintes e uma vez na semana no time de surdos (...) sempre gostei de ser goleiro”.

No que se refere ao campo do esporte Franco, Paludo & Lebedeff (2015, p 367) relatam que: “Em muitas confraternizações o esporte aparece como diversão, nos jogos de Pingue-Pongue durante jantares e até em competições exclusivas de surdos em que o esporte é o cenário principal”. A partir disto, o esporte pode tomar um caráter propulsor (referindo-se a identidade surda) da comunidade surda, pois o mesmo torna-se o centro da interação entre surdos, como assim destaca a E3: “Não jogo futebol, mas acompanho os jogos dos amigos porque gosto de assistir”. Já a E4: “atualmente não jogo mais, pois agora estou fazendo teatro com o grupo de surdos”. Este relato reforça que o esporte é uma porta de ingresso à comunidade surda. Desta forma, o esporte é artefato cultural fundamental para comunidade surda (Sarmiento, 2015). Assim, de acordo com Barcelos, porto & Geller (2010) “O esporte é tido como uma forte possibilidade de movimento

culturalmente estabelecida. As crianças normalmente gostam do esporte, pois ele apresenta em sua essência a possibilidade do prazer e do brincar e o esporte (...).

O time surdo tem seu início em 2014, participando do 1º Torneio de Futsal com Surdos – Batista Grande POA, no mesmo ano, salientado pelo E5: “(...) geralmente quem marca os jogos é o Umberto, para os campeonatos foi ele quem arranjou o time de surdo para o campeonato estadual em 2014”. Como evidência Monteiro (2006) “Essas competições esportivas, festas comemorativas e outras atividades de lazer permitem aos surdos usuários da Língua de Sinais a possibilidade de encontros frequentes nas associações de Surdos.” A organização de campeonatos e atividades esportivas tem grande impacto na socialização e troca de experiências, é através destes encontros que o surdo tem a possibilidade de estar com pessoas da sua mesma singularidade. Assim, o esporte surdo é um locus onde se tem de maneira mais expressiva a autonomia surda. (LADD, 2011).

A história surda é marcada por diversas barreiras, desde a negligência dos próprios parentes ao convívio até a exclusão nos mais diversos locais. Ainda como comenta Monteiro (2006) “Em décadas passadas, existiam famílias ouvintes que “escondiam” os filhos surdos pela “vergonha” de ter concebido uma criança fora dos padrões considerados normais (...)”. Este processo de exclusão ao mundo leva o indivíduo a dependência extrema dos pais, como desvela Solia & Silva (2017). “Ressalta-se o fato de todos os adolescentes não se reconhecerem responsáveis e capazes para o autocuidado, tendo sempre a mãe como provedora de todos os cuidados.” Neste sentido, estar com pessoas surdas, em um ambiente desprovido de preconceito e rótulos, revela-se ao ser surdo um local de confraternidade, permeado pela amizade e companheirismo (anexo 2, 2.1).

4.2 A PRÁTICA ESPORTIVA SURDA

No que tange às maneiras que o esporte se apresenta às singularidades deste grupo, o E1 salienta que: “É difícil chamar a atenção dos jogadores, mas quanto à prática do jogo não vejo diferença”. Enquanto esportes adaptados precisam sofrer mudanças em suas formas de práticas, como por exemplo, o giz para o futebol para cegos, altura de rede para deficientes de membros inferiores, para se

ter condições igualitárias. Já o esporte surdo deve sofrer alterações nas suas regras, como destaca Franco, Paludo & Lebedeff (2015). “As modalidades praticadas por eles precisam sofrer adequações de arbitragem, já que o uso de apitos, sirenes e demais sinais sonoros não cabe para os surdos.” Por isso, utilizar bandeiras como substituto para estes apetrechos é uma boa forma de sanar os eventuais empecilhos da prática.” Ainda visando analisar as entrevistas, o E2 afirma: “Eu estou jogando duas vezes por semana na posição de goleiro para times de amigos ouvintes e uma vez na semana no time de surdos (...)”. Este relato demonstra que o fato de ser surdo não dificulta a prática esportiva ao ponto de impedir o indivíduo surdo. E também a E4: “Comecei a jogar na posição de goleira com minhas colegas de trabalho”. (anexos 3 - 3.19).

Indo a caminho da prática sistematizada, a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) foi fundada oficialmente em 17 de novembro de 1984. Hoje tem como objetivos regulamentar as agremiações esportivas surdas, mas segundo a própria CBDS (2018) “(...) sua história começa bem antes, na década de 50, com o intenso movimento de criação de Associações de Surdos. No início, as Associações funcionavam como espaços de recreação e lazer (...)”.

Segundo Franco, Paludo & Lebedeff (2015) “(...) uma colaboração recíproca e integrada entre eventos esportivos e associações de surdos, tendo em vista que as associações surgiram por causa dos eventos esportivos”, ainda neste sentido o Brasil ainda foi palco dos 1º Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos, realizados em Caxias do Sul – Rio Grande do Sul, evento realizado no ano de 2014. A competição reuniu sete países sul americanos, além do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Venezuela e Uruguai. Neste evento foram disputadas as modalidades: futebol de campo, futsal, basquete, vôlei, handebol, atletismo, ciclismo, badminton, natação, tênis, tênis de mesa, vôlei de praia, judô, karatê e xadrez. No total, foram quase de 700 atletas competindo. (CBDS, 2018). O esporte surdo vem conquistando seu devido espaço, mas ainda com pouco ou quase nada repercussão da mídia.

Desse modo de acordo com Franco, Paludo & Lebedeff:

“pode-se considerar o esporte como um elo fundamental entre os surdos, incentivando-os a adquirir sua própria língua no contato com seus semelhantes, pois a participação vai além do desenvolvimento físico; as relações vão permitir a comunicação e uma gama de informações fundamentais para a consolidação de sua identidade como surdo”. (2015, p. 372). (anexo 4).

4.3 IDENTIFICAÇÕES COM A SURDEZ

Segundo Nóbrega JD *et al.* (2012) “Identidade, cultura e a língua de sinais constituem, no olhar desses surdos, uma unidade definidora da surdez; ser surdo passa a ser uma questão antes de identidade do que biológica”. O sentimento surdo vai além das características biológicas do indivíduo, este sentimento permeia muito mais uma característica cultural, onde o ser surdo, usuário de LIBRAS é constituído por simbologias próprias da cultura surda. A definição de um indivíduo surdo, segundo Silva, Silva (2016) é de “público com características linguísticas e culturais específicas”. Conforme Müller, Mianes (2016). Ao descrever narrativas autobiográficas de pessoas surdas e deficientes visuais, propõem ao invés de se pensar nos sujeitos surdos como pessoas com limitações e problemas que devem ser solucionados, optar pelo caminho de perceber a diferença como potência de compartilhamento de novas possibilidades, que auxilie nos processos de acolhimento – e não de aceitação e tolerância – destes seres diferentes.

Neste sentido, o questionamento a respeito da identificação com terminologia surda ou deficiente, todos os entrevistados responderam identificar-se com a terminologia surda. Segundo o E5: “Prefiro surdo porque não sou diferente dos outros.” ainda também o E4 completa: “Surda porque essa é a minha identidade. Não sou deficiente.” Neste âmbito em que a surdez deixa de ser uma condição inferior ao povo ouvinte e passa a ser uma diferença cultural. Nota-se que o indivíduo surdo tem para si, que a identificação com a surdez tem ligação com sua identidade social.

A identidade é caracterizada principalmente pela Língua de Sinais Brasileira, pois é aí que os surdos afirmam-se culturalmente. Para Nóbrega *et al.* (2012) “Uma identidade é construída e compartilhada socialmente no interior de uma cultura, dos discursos produzidos, nas representações compartilhadas e nos significados atribuídos”. Colaborando a este pensamento o E1, sobre um relato pessoal acerca do indivíduo surdo conta que: “Meus amigos surdos me compreendem melhor”. Este relato induz a reflexão em que o sujeito surdo junto a outros sujeitos da mesma condição, conseguem manter um diálogo mais franco, mais elaborado e complexo do que com ouvintes, visto que muitos ouvintes ou não são fluentes em LIBRAS, ou nem sequer tem conhecimento mínimo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo reunir alguns aspectos da história da comunidade surda, principalmente no tange o esporte surdo e suas relações com a identidade surda.

Conforme a literatura investigada evidenciou-se que a comunidade surda tem sua história marcada por tempos de lutas e movimentos sociais para assegurar sua identidade, dentro disto, o maior triunfo da comunidade surda é a legitimação da Língua de sinais (LIBRAS), através da Lei Federal nº 10436 de 24 de abril de 2002, e principalmente através do Decreto Federal nº 5626 de 22 de dezembro de 2005, incluindo a LIBRAS como disciplina curricular, pois no que tange a historia cultural do surdo a comunicação em libras é indispensável para a propagação, disseminação e ainda a caracterização deste grupo. Através da língua de sinais, o povo surdo não fica preso aos moldes de oralização e pôde construir sua própria identidade. Porém ainda existe a falta de compreensão por parte do povo ouvinte de enxergar o surdo como igual, sem a esfera de deficiente.

No que se refere ao esporte, sobretudo o futsal, ele não constrói uma identidade por si só, porém auxilia a comunidade a alavancar sua identidade através da socialização promovida pelo mesmo, criando a oportunidade da comunidade surda de trocar experiências, criar novos laços e vínculos, tornando-se assim uma das formas de ingresso para a comunidade surda.

No que tange o esporte surdo como parte de uma identidade, ele torna-se uma peça essencial para a motivação tanto no ingresso quanto na manutenção em seus esportes e competições, sejam nacionais ou internacionais, pois é ali onde suas necessidades são preenchidas e suas aspirações tornam-se mais palpáveis. O individuo surdo em geral, não apresenta dificuldades para a realização da prática esportiva, mesmo havendo a necessidade de adaptações, principalmente em relação à sinalização do jogo o surdo é plenamente capaz de jogar até mesmo com ouvintes.

Ainda neste âmbito, o futsal é um forte aliado ao empoderamento social através de encontros surdo-surdo. Apesar do crescimento de estudos sobre a comunidade surda foi evidenciado dentro das referências que ainda existe uma

carência de pesquisas voltadas para a relação entre esporte de forma geral e o povo surdo.

Vale salientar que, mesmo sendo garantido o ensino de LIBRAS na grade curricular para cursos superiores de Licenciatura, o ensino deste componente ainda é muito raso, fato percebido durante as entrevistas, pois as entrevistas só se tornaram viáveis na presença de um intérprete. Sem a presença de um usuário de LIBRAS, na condição de intérprete, mediando às interações entre entrevistado e entrevistador eram muito afetadas.

Também se faz necessário maiores investigações acerca do esporte dentro da comunidade surda, tanto para levantamento histórico da mesma, quanto para maiores compreensões deste grupo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luana Foroni; CASTRO, Shamyrsulyvan de. NÍVEIS DE ATIVIDADE FÍSICA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ADOLESCENTES SURDOS E OUVINTES. **RevBrasMed Esporte**, São Paulo , v. 23, n. 5, p. 371-374, set. 2017.

AZEVEDO, Claudinéia Barboza de; GIROTO, Claudia Regina Mosca; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DA SURDEZ: ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PERÍODO DE 1992 A 2013. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília , v. 21, n. 4, p. 459-476, Dec. 2015.

BARCELOS, Rafael Almeida; PORTO, André Porto; GELLER, César Alcides. **O ENSINO DOS ESPORTES PARA SUJEITOS COM SURDEZ**. In: III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte: Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular. 2010, Niterói.

BRASIL. **Decreto Federal nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec5626.pdf>> Acesso em 20. out. 2017.

BRASIL. **Lei Federal nº 10436 de 24 de abril de 2002**: Lei de Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 20 out. 2017.

CORTES BELL, Yenny Milena; BARRETO MUNOZ, Alex Giovanni. VARIACIÓN SOCIOLINGÜÍSTICA EN LA LENGUA DE SEÑAS COLOMBIANA: OBSERVACIONES SOBRE EL VOCABULARIO DEPORTIVO, EN EL MARCO DE LA PLANIFICACIÓN LINGÜÍSTICA. **Forma funcion, Santaf, de Bogot, D.C.**, Bogotá , v. 26, n. 2, p. 149-170, Dec. 2013 .

CRAFT, Diane H. e LIEBERMAN, Lauren. **Deficiência Visual e Surdez**. In Educação Física dos Esportes Adaptados. Mande: São Paulo, 3 ed. 2004. p.181-206.

Confederação Brasileira de Desportos Surdos. Disponível em: <<http://cbds.org.br>>. Acesso em 18 de abril de 2018.

FIN, Vinicius; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. **A produção de conhecimento acerca da pessoa surda na área da Educação Física**. Rev. do Departamento de Educação Física e Saúde e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul / Unisc Ano 16, V.16, N.3, p. 221-227. Julho/Setembro 2015.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LADD, P. **Comprendiendola cultura sorda**: en busca de lasordedad. Concepción: ImpresoConcepción, 2011.

LINS, Heloisa Andreia de Matos; NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. Algumas tendências e perspectivas em artigos publicados de 2009 a 2014 sobre surdez e educação de surdos. **Pro-Posições**, Campinas , v. 26, n. 3, p. 27-40, dez. 2015.

MARIM, Bruna da Silva; FERREIRA, Cleiton Santos; MOREIRA, Láine Rocha. **Atividade física adaptada: Uma reflexão crítica**.V. 82, 2012. Disponível em: <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/2400> >

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; ALBRES, Neiva de Aquino; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. Contribuições da Educação Infantil e do brincar na aquisição de linguagem por crianças surdas. **Pro-Posições**, Campinas , v. 26, n. 3, p. 103-124, Dec. 2015.

MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. ETD – **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 292-302, jun. 2006.

MULLER, Janete Inês; MIANES, Felipe Leão. Narrativas autobiográficas de surdos ou de pessoas com deficiência visual: análise de identidades e de representações. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília , v. 97, n. 246, p. 387-401, Aug. 2016.

NEGRINI, Airton *in*: A pesquisa Qualitativa na Educação Física; Molina, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. p. 61. 2ed, **Sulina**. Porto Alegre, 2004.

NÓBREGA, Juliana Donato et. al. Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de línguas de sinais. **Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n 3. p 671-679, 2012.

OLIVEIRA, LBM. **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da Republica. Brasília, 2012.

PEDROSA VS, BELTRAME ALN, BOATO EM, SAMPAIO TMV. A experiência dos professores de Educação Física no processo de inclusão escolar do estudante surdo. **R. bras. Ci. e Mov**2013;21(2): 106-115.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educ. rev.**, Curitiba , n. spe-2, p. 17-31, 2014.

REIS, ROSANA JUÇARA DE SOUZA et al . DIGNITY PROMOTED OR VIOLATED: HOW DOES THE DEAF PERSON INCLUDED PERCEIVE IT?. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo , v. 18, n. 3, p. 178-202, June 2017.

RAMOS, Denise Marina; ZANIOLO, Leandro Osni. Tendências e perspectivas da produção acadêmica sobre a temática educação de surdos: mapeamento da produção. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília , v. 20, n. 2, p. 303-318, June 2014.

Rocha Di Franco, Marco Aurélio, dos Santos Paludo, Simone, BolivarLebedeff, Tatiana. Esportes surdos na constituição do ser social: uma compreensão histórica sob a perspectiva da Educação Ambiental. **Revista Educação Especial** [online] 2015, 28 (Mayo-Agosto): [Fecha de consulta: 25 de outubro de 2017] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313138442009>> ISSN 1808-270X

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SÁNCHEZ, C. **La increíble y triste historia de lasordera**. Caracas: CEPROSORD, 1990.

SANTOS, AngelaNediane dos; COELHO, Orquídea Manuela Braga e Soares; KLEIN, Madalena. Educação de surdos no Brasil e Portugal: políticas de reconhecimento linguístico, bilinguismo e formação docente. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 43, n. 1, p. 216-228, Mar. 2017.

SARMENTO, F. **Os surdos no desporto**. In: COELHO, O. e KLEIN, M. (Coord.). Cartografias da surdez: comunidades, línguas, práticas e pedagógicas, Porto: Livpsic, 2013.

SILVA, Carine Mendes; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Libras na educação de surdos: O que dizem os profissionais da escola?** in: *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 20, Número , p.33-43, Janeiro/Julho 2016.

SOLIA, Fabiana Scassiotti Fernandes; SILVA, Silvia Sidnéiada. Educação para saúde por meio de processos dialógicos e o autocuidado da pessoa surda. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 23, n. 3, p. 677-689, Julho 2017 .

SOUZA, M. F. N. S. et al. Principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela comunidade surda no acesso à saúde: uma revisão integrativa de literatura. **Rev. CEFAC**. Minas Gerais, v, 19, n. 3, p.386-405, 2017.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

YAMASHIRO, Juliana Archiza; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Ser Irmão de uma Pessoa Surda: Relatos da Infância à Fase Adulta. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília , v. 22, n. 3, p. 367-380, Sept. 2016.

World Health Organization. Disponível em:

<<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs300/en/>>. Acesso em 30 de outubro de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – PERGUNTAS DE ENTREVISTAS

Roteiro de Entrevistas

Futsal e surdez

Experiência pessoal e contato com o esporte

- Gostaria que você me contasse sobre tua vida e forma geral. (onde cresceu, como ficou surdo, como foi a vida escolar, onde estudou, contato com ouvintes, trabalho, família)
- Qual foi o seu primeiro contato com o esporte? E como você sentiu com a primeira prática? Qual o sentido de praticar o esporte?
- Depois disso, quantas vezes semanais você jogava e onde?
- Quais as dificuldades que você encontra para praticar futebol? Tu acha que existe diferença entre a forma que vocês jogam com a de ouvintes?
- Você se identifica melhor com o termo Surdo ou deficiente auditivo? E por quê? Qual o papel do esporte nesta identidade?
- Você gostaria de me falar algo que acha importante e que eu não tenha perguntado?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Prezado (a) Senhor (a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar do projeto **“Memórias de um time de futsal de surdos: O esporte como parte da identidade”**, projeto de conclusão de curso, pelo Acadêmico Mauricio Moraes Gayer, matrícula 00218123, do curso de Educação Física, pela Universidade do Rio grande do Sul (UFRGS), por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. **O presente estudo busca registrar as memórias de um grupo de homens surdos praticantes de futsal amador, além de evidenciar o papel do esporte como parte integrante da cultura surda..**

Faz-se notar que esse trabalho se relaciona com a Tese de conclusão de curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, denominada. Neste sentido, o Acadêmico é orientado pela professora Dra. Janice ZarpellonMazo, também pesquisadora do campo investigativo da História dos Esportes e da Educação Física com ênfase nos esportes adaptados e paralímpicos.

Se você concordar em participar deste estudo, terá que responder a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pelo orientador e pelo acadêmico em questão com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Seu relato é muito importante para que possamos levantar informações necessárias para nosso estudo, a partir da visão de quem vivencia e representatanto a comunidade amadora do esporte, quanto a comunidade surda brasileira. A entrevista poderá ser gravada em vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e ou celular. Informamos, também, que sua entrevista poderá ser transcrita integralmente ou em parte, para fins de publicação dos resultados da pesquisa. Assim, solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, bem como eventuais fotografias, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo clips, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) sobre as histórias de vidados atletas (amadores), familiares ou gestores vinculados com pessoas com deficiência ou esportes adaptados. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete

qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais online do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como no *site* do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do esporte adaptado brasileiro.

Informamos ainda, que o (a) senhor (a) não terá custos financeiros e nem será remunerado (a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes de sua participação na pesquisa serão ressarcidas, quando devidas. Adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos, por meio das ações veiculadas a este projeto, preservar a memória esportiva brasileira e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo, contribuindo para o desenvolvimento do esporte no Brasil.

Caso o (a) senhor (a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento o pesquisador responsável pelo projeto, o Acadêmico Mauricio Moraes Gayer, no endereço pessoal à Rua Cunha Neto, nº 229, Bairro Morada do Vale 1, Gravataí – RS, CEP 94085-180, ou pelo telefone (51) 993932266, ou no endereço eletrônico mauriciogayer@hotmail.com, ou então, Professora Janice Zarpellon Mazo, no endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico janmazo@terra.com.br.

O presente termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor (a).

_____, ____ de _____ de 201 ____

Entrevistador

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido (a) sobre os procedimentos da entrevista, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima. Permito a identificação de meu nome e o uso do áudio e vídeocaptados durante a entrevista para os fins descritos no presente termo. Declaro que recebi cópia deste documento.

Assinatura: _____

Data: _____

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, bem como os seus usos, favor utilizar o campo abaixo para maiores esclarecimentos.

APÊNDICE 3 – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Pesq - Gostaria que você me contasse sobre tua vida e forma geral. (onde cresceu, como ficou surdo, como foi a vida escolar, onde estudou, contato com ouvintes, trabalho, família)

Entr.1 - Sou surdo desde o nascimento, minha mãe teve rubéola na gravidez. Frequentei escola pública e frequentava a fonoaudióloga. Trabalho com ouvintes.

Pesq - Qual foi o seu primeiro contato com o esporte? E como você sentiu com a primeira prática? Qual o sentido de praticar o esporte?

Entr.1 - Comecei a jogar futebol na escola, depois voltei a jogar com os colegas de trabalho. Futebol é bom. Jogo porque gosto.

Pesq - Depois disso, quantas vezes semanais você jogava e onde?

Entr.1 - Três vezes por semana.

Pesq - Quais as dificuldades que você encontra para praticar futebol? Tu acha que existe diferença entre a forma que vocês jogam com a de ouvintes?

Entr.1 - Difícil chamar a atenção dos outros jogadores, mas quanto a prática do jogo não vejo diferença.

Pesq - Você se identifica melhor com o termo Surdo ou deficiente auditivo? E por quê? Qual o papel do esporte nesta identidade?

Entr.1 - Surdo.

Pesq - Você gostaria de me falar algo que acha importante e que eu não tenha perguntado?

Entr.1 - Meus amigos surdos me compreendem melhor.

ENTREVISTA 2

Pesq - Gostaria que você me contasse sobre tua vida e forma geral. (onde cresceu, como ficou surdo, como foi a vida escolar, onde estudou, contato com ouvintes, trabalho, família)

Entr.2 - Fiquei surdo aos 8 anos, tive meningite. Frequentei escola pública.

Pesq - Qual foi o seu primeiro contato com o esporte? E como você sentiu com a primeira prática? Qual o sentido de praticar o esporte?

Entr.2 - Comecei a jogar muito novo, eu jogava em uma escolinha de futebol na posição de goleiro e hoje em dia jogo com colegas de trabalho. Futebol é bom.

Pesq - Depois disso, quantas vezes semanais você jogava e onde?

Entr.2 - Duas vezes por semana na posição de goleiro para times de amigos ouvintes. E uma vez na semana no time de surdos

Pesq - Quais as dificuldades que você encontra para praticar futebol? Tu acha que existe diferença entre a forma que vocês jogam com a de ouvintes?

Entr.2 - Não vejo diferença.

Pesq - Você se identifica melhor com o termo Surdo ou deficiente auditivo? E por quê? Qual o papel do esporte nesta identidade?

Entr.2 - Hoje me vejo como surdo. Antes eu era ouvinte e não gosto de ser chamado de deficiente.

Pesq - Você gostaria de me falar algo que acha importante e que eu não tenha perguntado?

Entr.2 - Não.

ENTREVISTA 3

Pesq -Gostaria que você me contasse sobre tua vida e forma geral. (onde cresceu, como ficou surdo, como foi a vida escolar, onde estudou, contato com ouvintes, trabalho, família)

Entr.3 -Nasci surda. Minha mãe teve rubéola na gravidez. Frequentei escola para surdo.

Pesq -Qual foi o seu primeiro contato com o esporte? E como você sentiu com a primeira prática? Qual o sentido de praticar o esporte?

Entr.3 -Não jogo futebol, mas acompanho os jogos dos amigos porque gosto de assistir.

Pesq -Depois disso, quantas vezes semanais você jogava e onde?

Entr.3 - -

Pesq -Quais as dificuldades que você encontra para praticar futebol? Tu acha que existe diferença entre a forma que vocês jogam com a de ouvintes?

Entr.3 - -

Pesq -Você se identifica melhor com o termo Surdo ou deficiente auditivo? E por quê? Qual o papel do esporte nesta identidade?

Entr.3 - Surda.

Pesq -Você gostaria de me falar algo que acha importante e que eu não tenha perguntado?

Entr.3 -É bom estar aqui, porque tenho muitos amigos.

ENTREVISTADO 4

Pesq - Gostaria que você me contasse sobre tua vida e forma geral. (onde cresceu, como ficou surdo, como foi a vida escolar, onde estudou, contato com ouvintes, trabalho, família)

Entr.4 - Minha mãe teve rubéola, nasci surda. Frequentei escola pública e especial para surdos

Pesq - Qual foi o seu primeiro contato com o esporte? E como você sentiu com a primeira prática? Qual o sentido de praticar o esporte?

Entr.4 - Comecei a jogar na posição de goleira com minhas colegas de trabalho.

Pesq - Depois disso, quantas vezes semanais você jogava e onde?

Entr.4 - atualmente não jogo mais, pois agora estou fazendo teatro com o grupo de surdos.

Pesq - Quais as dificuldades que você encontra para praticar futebol? Tu acha que existe diferença entre a forma que vocês jogam com a de ouvintes?

Entr.4 - Tudo igual. Jogo é normal.

Pesq - Você se identifica melhor com o termo Surdo ou deficiente auditivo? E por quê? Qual o papel do esporte nesta identidade?

Entr.4 - Surda porque essa é a minha identidade. Não sou deficiente.

Pesq - Você gostaria de me falar algo que acha importante e que eu não tenha perguntado?

Entr.4 - Não.

ENTREVISTA 5

Pesq - Gostaria que você me contasse sobre tua vida e forma geral. (onde cresceu, como ficou surdo, como foi a vida escolar, onde estudou, contato com ouvintes, trabalho, família)

Entr.5 - Nasci surdo e frequentei escola especial para surdos.

Pesq - Qual foi o seu primeiro contato com o esporte? E como você sentiu com a primeira prática? Qual o sentido de praticar o esporte?

Entr.5 - Comecei a jogar quando criança.

Pesq - Depois disso, quantas vezes semanais você jogava e onde?

Entr.5 - Uma vez por semana com o time de surdos. Aqui com os surdos, geralmente quem marca os jogos é o Umberto, para os campeonatos foi ele quem arranjou o time de surdo para o campeonato conde em 2014.

Pesq - Quais as dificuldades que você encontra para praticar futebol? Tu acha que existe diferença entre a forma que vocês jogam com a de ouvintes?

Entr.5 - Semelhante.

Pesq - Você se identifica melhor com o termo Surdo ou deficiente auditivo? E por quê? Qual o papel do esporte nesta identidade?

Entr.5 - Prefiro surdo porque não sou diferente dos outros

Pesq - Você gostaria de me falar algo que acha importante e que eu não tenha perguntado?

Entr.5 - Não.

ANEXOS

ANEXO 1 . LOCAL DE ENCONTRO PARA PRÁTICA ESPORTIVA.



ANEXO 1.1. LOCAL DE ENCONTRO PARA PRÁTICA ESPORTIVA



ANEXO 2. CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE SURDOS.**ANEXO 2.1. CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE SURDOS.**

ANEXO 3. DEBATE ACERCA DO PLACAR.**ANEXO 3.1. REINICIO DE PARTIDA APÓS GOL.**

ANEXO 3.2. DISCUSSÃO SOBRE FALTA COMETIDA.**ANEXO 3.3. INFORMAÇÕES SOBRE SURDOS A CAMINHO.**

ANEXO 3.4. DEBATE SOBRE ESTRATÉGIAS DE JOGO.**ANEXO 3.5. JOGO ENTRE SURDOS.**

ANEXO 3.6. REGISTRO DE GOL SOFRIDO.**ANEXO 3.7. COBRANÇA DE TIRO DE META.**

ANEXO 3.8. ATUALIZAÇÃO DOS DEMAIS SURDOS À CAMINHO.**ANEXO 3.9. REGISTRO DE ATUALIZAÇÃO DO PLACAR.**

ANEXO 3.10. DISCUSSÃO SOBRE O JOGO.**ANEXO 3.11. REGISTRO DE SUBSTITUIÇÃO.**

ANEXO 3.12. REGISTRO DE JOGO ENTRE SURDOS.**ANEXO 3.13. CONVERSA ENTRE SURDOS DURANTE A PARTIDA.**

ANEXO 3.14. REGISTRO DE GOL SOFRIDO.**ANEXO 3.15. REGISTRO DE JOGO ENTRE SURDOS.**

ANEXO 3.16. DISCUSSÃO SOBRE FALTA COMETIDA.**ANEXO 3.17. REINICIO DE PARTIDA APÓS GOL MARCADO.**

ANEXO 3.18. DISCUSSÃO SOBRE ESTRATÉGIAS DE JOGO.**ANEXO 3.19. REGISTRO DE PARTIDA.**

ANEXO 4. CONVITE ELETRÔNICO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA. .



25/11
Rua Conde de Porto Alegre, 136
São Geraldo, Porto Alegre - RS

Futsal - Manhã 9h
PG - Tarde 14h

**Obs: Convide seu amigo, nos apoio
às 12h almoço churrascaria de frango e PG,
importância vem comigo de DEUS Amém!**